

NO PALCO DA CULTURA DRAG, CANTA-SE O ORGULHO DE SERMOS NÓS MESMXS

Texto de Carolina Franco

«O meu nome é Jack. Bem, a minha mãe chama-me Jack, toda a gente que se preocupa comigo me chama Jack; é esse o meu nome. Mas eu trabalho sob o nome de Sabrina, e todas as *queens* me chamam Sabrina, onde quer que as veja», diz Jack Doroshow enquanto se maquilha ao espelho e se transforma em Flawless Sabrina. Nesta cena de abertura de *The Queen*, o documentário realizado por Frank Simon em 1968, Sabrina levanta o véu a um submundo que habita as noites de Nova Iorque e que vai sendo desvendado ao longo do filme. Ao longo da sua vida, Sabrina foi dando a mão a jovens *queens*, tornando-se um ícone no ativismo LGBTQI+ e na cultura *drag*.

ONDE O BRUAÁ DA SOCIEDADE NOS FALOU MAIS ALTO

SUBCULTURA



Fernando Santos, ou Deborah Kristal, teve e tem até hoje, em Portugal, um papel tão importante quanto Flawless Sabrina e outras *queens* icônicas, na América e pelo mundo fora, que não só já pisaram vários palcos, como também viveram diferentes contextos. Kristal é residente no Finalmente, um dos míticos clubes de transformismo em Lisboa, e foi pela sua mão que algumas *queens* das novas gerações se foram descobrindo.

«Lembro-me de que era inverno, eu estava com um casaco de peles vermelho, tinha o cabelo metade preto, metade branco, e fui com uns amigos ao Finalmente. Fomos ver o primeiro *show* de transformismo que eu alguma vez tinha visto. No final do espetáculo, a Deborah Kristal costuma chamar sempre alguém ao palco, e eu destaquei-me de tal forma que me chamou a mim», conta Simão Teles, natural de Pontével, que cedo se mudou para Lisboa para estudar representação. Na altura, com apenas «16 ou 17 anos, mas já muito irreverente», acabou por cantar um trecho de «*La Vie En Rose*», da Edith Piaf, depois de ter sido desafiado pela anfitriã. Voltou para casa fascinado «com aquilo que tinha acabado de ver» e com o aplauso do público, mas só meses mais

tarde regressou e, com a aprovação de Fernando Santos, começou a atuar todas as segundas-feiras n'Ó Lugar às Novas, ainda que com as roupas do dia a dia e sem maquilhagem. Com o tempo, foi construindo Symone De Lá Dagma, a personagem que só apresentou no inverno seguinte na Gala Abraço. «Se durante toda a minha vida tive o apoio da minha família, agora será mais uma vez», pensou na altura. Subiu ao palco para cantar «*This is My Life*», de Shirley Bassey, e mergulhou na cultura *drag* sem medos.

Symone De Lá Dagma canta o que lhe vai na alma. O seu repertório compõe-se por «música com interpretação», como lhe chama, «com uma carga dramática» inspirada em Simone de Oliveira, Liza Minelli, Judy Garland, ou Maysa Matarazzo. «É onde eu vou buscar a minha inspiração; transformar a minha dor, a minha solidão e a minha tristeza em arte», partilha.



Fotografia de Miguel Prata

O caminho de Tiago Santos até à cultura *drag* não foi muito diferente do de Simão. «Quando tinha 17 anos, fui ao Finalmente e foi aí que os meus olhos brilharam. Informei-me e descobri O Lugar às Novas, onde comecei a trabalhar para crescer um pouco mais. Nunca saberia que, passados dois anos, iria fazer parte do elenco de luxo de Portugal.» Stefani Duvet é «o outro lado de Tiago Santos», como o próprio conta – «é tudo aquilo que eu não consigo ou não me sinto à vontade de fazer no meu dia a dia», «umx artistx apaixonadx pelo palco e pelo mundo do espetáculo».

Guiado por Kelly Kiss, que acabou por se tornar a sua madrinha *drag*, e com Lady Gaga como inspiração, entrou para um circuito em que rapidamente se tornou uma referência. Quem o afirma é Bruno Cunha, também conhecido como Camel Toe: «Uma das mais incríveis, e que eu acho que é uma das melhores em Portugal a nível de *performance*, é a Stefani Duvet.»



Ao contrário de Symone De Lá Dragma e Stefani Duvet, Camel Toe não começou o seu percurso no Finalmente, nem tão-pouco por Lisboa. Quem é do Porto provavelmente já se cruzou consigo na discoteca Zoom ou pelas Galerias de Paris e dificilmente esquece a irreverência que carrega para onde quer que vá. «A Camel Toe, dentro disto tudo, é a guerreira que eu criei – no feminino porque toda a minha vida fui rodeado por mulheres que passaram por coisas inacreditáveis e conseguiram ultrapassar tudo. É uma ode a essas mulheres de que sempre estive rodeado, mas num corpo masculino, do Bruno», partilha.

É num lugar híbrido entre o feminino e o masculino que *drag queens*, mas também *drag kings*, vão habitando. Ana Cristina Santos, doutorada em Estudos de Género e Investigadora Principal do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e coordenadora em Portugal dos projetos europeus CILIA Vidas LGBTQI+ e Diversidade e Infância, explica que «o género, sendo tão central na construção da identidade pessoal, não corresponde a um determinismo biológico – o género é em si mesmo social e performativo». «O modo como nos apresentamos quotidianamente difere em função da ocasião, das pessoas com quem nos vamos encontrar, dos compromissos que temos, da nossa disposição. Essa performatividade relaciona-se com a expressão de género – e não necessariamente com identidade de género –, e a expressão de género é o terreno em que por excelência se move a cultura *drag*», continua.

Se em *The Queen* ou, mais tarde, em *Paris is Burning* se mostram *drag queens* num ambiente noturno e por vezes associado ao risco, com o surgimento do programa *Rupaul Drag Race*, as *drag queens* começaram a ocupar um espaço mediático nunca tido até então. Stefani Duvet e Camel Toe acreditam que esse foi um ponto de viragem, inclusive em Portugal. Simone De Lá Dragma refere que «há um estereótipo do que é ser uma *drag queen*» nos dias de hoje – que se encontra com o «das *queens* de Rupaul», «que vivem muito do *look*». «É, infelizmente, como vivemos numa sociedade em que a beleza e o que se vê é o que importa, e não o que se tem, nem todas as *queens* têm as mesmas oportunidades», lamenta.

Ana Cristina Santos relembra que «as *drag queens* e os *drag kings* constituíram em muitos países os primeiros rostos visíveis da resistência *queer* à discriminação, nomeadamente em marchas, *pride* e outros eventos públicos». Foi pelo carácter ativista que Bruno Cunha criou Camel Toe, para «recuperar um espaço que lhe tinha sido retirado». É por isso que lamenta que numa nova geração se faça «*performance* de exibicionismo», enquanto nas discotecas e bares se continua «a usar a *drag queen* muito como fantoche de atração». «Acho que, nestes cinco anos em que trabalho, só conheço três ou quatro transformistas que sejam realmente ativistas e lutem pelos direitos não só das *drag queens*, mas também pelos direitos LGBTQI+», acrescenta Simão ao tema. Ambos destacam a relevância do projeto *Fado Bicha*, que «junta a *performance* ao ativismo».

Por muito que a cultura *drag* não seja do agora, existem ainda muitas camadas por explorar. Pelas vozes de todas as *queens* que, também elas, podem ser tão distintas umas das outras, canta-se bem alto o orgulho de serem elxs mesmxs. No palco e na vida.